

**UM PASSADO CRUEL QUE NÃO DEVE SER ESQUECIDO OU APAGADO:
UMA ANÁLISE DOS ROMANCES *A CHAVE DE CASA*, DE TATIANA SALEM
LEVY E *OS QUE BEBEM COMO OS CÃES*, DE ASSIS BRASIL**

**A CRUEL PAST THAT SHOULD NOT BE FORGOTTEN OR ERASED: AN
ANALYSIS OF THE NOVELS *A CHAVE DE CASA*, BY TATIANA SALEM
LEVY AND *OS QUE BEBEM COMO OS CÃES*, BY ASSIS BRASIL**

Hélia da Silva Alves Cardoso

UFRN

Resumo: A Ditadura Militar no Brasil teve início em 1964 com o golpe militar e vigorou até 1985, com a fase de redemocratização, uma série de ações que visava restabelecer a democracia no país, assim, uma nova Constituição foi elaborada, eleições gerais foram realizadas, dentre outras ações em favor do ato democrático. O sistema ditatorial é sinônimo de tortura, violência, autoritarismo e repressão. Representa um dos piores momentos da história do Brasil. Partindo desse viés, este trabalho pretende estabelecer uma análise comparativa entre os romances *A chave de casa* (2009), de Tatiana Salem Levy, e *Os que bebem como os cães* (2005), de Assis Brasil, que tratam sobre o quão cruel foi o regime. A metodologia utilizada é de cunho bibliográfico de natureza qualitativa, com aportes teóricos, principalmente, em Schmidt (2002), Ginzburg (2000) e (2001) e Seligmann-Silva (2014). Os romances em cuja representação literária é alusiva aos "anos de chumbo", trazem personagens que sofreram com as torturas físicas e psicológicas durante o regime militar não importando o gênero, se eram jovens ou idosos. Ambos mostram a fragilidade do ser humano durante as sessões de torturas diante da crueldade dos torturadores.

Palavras-chave: Ditadura Militar; Literatura; Tortura e Violência.

Abstract: The Military Dictatorship in Brazil began in 1964 with the military coup and was in force until 1985, with the redemocratization phase, a series of actions that aimed to reestablish democracy in the country, thus, a new Constitution was drawn up, general elections were held, among other actions in favor of the democratic act. The dictatorial system is synonymous with torture, violence, authoritarianism and repression. It represents one of the worst moments in the history of Brazil. Based on this bias, this work intends to establish a comparative analysis between the novels *A chave de casa* (2009), by Tatiana Salem Levy, and *Os que bebem como os cães* (2005), that deal with how cruel the regime was. The methodology used is of a bibliographic nature of a qualitative nature, with theoretical contributions, mainly in Schmidt (2002), Ginzburg (2000) and (2001) and Seligmann-Silva (2014). The novels whose literary representation alludes to the "years of lead" feature characters who suffered physical and psychological torture during the military regime, regardless of gender, whether they were young or old. Both show the fragility of human beings during torture sessions in the face of the torturers' cruelty.

Keywords: Military dictatorship; Literature; Torture and Violence.

Recebido em 11 de maio de 2024.

Aprovado em 4 de dezembro de 2024.

Revista Porto das Letras, Vol. 10, Número 3. 2024

Ditadura militar brasileira (1964-1985): reflexões críticas acerca do autoritarismo na literatura e nas representações audiovisuais

Introdução

*A verdade histórica está muito mais na novelística do
que no próprio relato dos fatos que constituem a
história reconhecível como tal.*
Ernesto Sábato

Entre 1964 e 1985, o Brasil viveu anos de extrema repressão, violência e autoritarismo político. O século XX foi marcado pelo poderio das ditaduras militares. Se levarmos em conta que tivemos duas grandes guerras, Guerra Fria, disputas entre blocos econômicos pela hegemonia global, guerras civis em inúmeros países, e governos autoritários que queriam poder político, e os militares representam o autoritarismo e o poder instituído no Brasil, no contexto aludido. A América Latina contou com ditadores ferrenhos, além do Brasil é impossível não recordar do caso do Paraguai, Uruguai, Argentina, Chile, Peru, Bolívia, Guatemala, República Dominicana, entre outros, que contaram com ditaduras conservadoras, conduzidas em sua maioria por militares. Muitos inocentes foram mortos pelo simples fato de serem contra o regime militar, pessoas desapareceram e muitos até os dias atuais não foram achados.

De acordo com Pollak (1989, p. 3) “O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais”. Entendemos que o período de autoritarismo no Brasil durou por 20 anos, mas nessas duas décadas muitos não aceitaram tão bem as novas regras de obrigatoriedade civil calados, foram à luta. Muitos jovens foram presos, mortos, exilados, tudo por serem contra o governo. O silêncio que Pollak (1989) nos fala é nos dias atuais tentarem evitar certos temas, como, por exemplo, ditadura, como se no Brasil ela nunca existiu, todavia não devemos esquecer, temos que lembrar para evitar que algo tão antidemocrático ocorra novamente. Essa resistência da sociedade civil vem exatamente de uma elite cujos ancestrais eram a favor da ditadura. Os discursos oficiais devem prevalecer para não cair no esquecimento. Já o silêncio para Orlandi (1993) “não é o vazio, o sem sentido; ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa”. O estado de mudez por opressão tem uma representatividade quando se fala sobre regimes totalitários.

Em *Os que bebem como os cães* (2005), de Assis Brasil, temos um relato em primeira pessoa, o narrador é um prisioneiro, se encontra sob tortura durante o regime Militar e durante a narrativa vamos descobrindo como e porquê ele foi preso. Como temos um relato em primeira pessoa somos obrigados a confiar na memória do narrador e assim, vamos nos inteirando de quem ele próprio é. Ao passo que a história se desenrola vamos sentindo todo o seu sofrimento e o quão cruel foi a Ditadura Militar e o seu autoritarismo. Já em *A chave de casa* (2009), de Tatiana Salem Levy, acompanhamos um relato fragmentado no qual a história vai sendo desenvolvida muito antes da Ditadura Militar no Brasil até chegar aos dias do autoritarismo, temos uma das vozes narradoras que é do Partido Comunista e termina por ser presa e torturada. Desse modo vemos uma mulher frente aos torturadores que queriam a todo custo saber onde se encontrava o seu marido, um comunista revolucionário, que não temia os militares.

A narrativa em primeira pessoa nas duas obras aqui em análise – de Assis Brasil e de Tatiana Salem Levy – nos impacta de tal modo que, ao mergulharmos na leitura, nos sentimos dentro das celas, junto aos personagens, cara a cara com os torturadores do Regime Militar. Não há como não sentir a angústia, o medo, a dor, o abandono, o silenciamento, o enfraquecimento do corpo dia a dia enquanto continuam presos, e tantos outros sentimentos gerados pelo período ditatorial.

Quanto a metodologia utilizada nesse trabalho, é de cunho bibliográfico e de natureza qualitativa, com aportes teóricos em Schmidt (2002), Ginzburg (2000) e (2001) e Seligmann-Silva (2014), buscamos estabelecer uma análise comparativa entre os romances *A chave de casa* (2009), de Tatiana Salem Levy, e *Os que bebem como os cães* (2005), de Assis Brasil, ambos os romances trazem em sua essência a temática da ditadura, além de cada um a sua maneira retratar personagens tanto masculinos quanto femininos que foram presos e sofreram com as torturas físicas e psicológicas e, no caso dos personagens de *A chave de casa*, o exílio.

A literatura brasileira tem o seu papel social durante os anos de chumbo¹, muitos escritores resistiram. Publicaram suas obras descrevendo como eram conduzidas as

¹ A expressão Anos de chumbo foi aplicada inicialmente a um fenômeno da Europa Ocidental, relacionado com a Guerra Fria e com a estratégia da tensão. No Brasil os anos de chumbo foram o período mais repressivo da ditadura militar, estendendo-se basicamente do fim de 1968, com a edição do AI-5 em 13 de dezembro daquele ano, até o final do governo Médici, em março de 1974. Alguns reservam a expressão “anos de chumbo” especificamente para o governo Médici. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Anos_de_chumbo.

torturas, como as pessoas sumiam sem deixar rastros e os militares nada informavam, mães desesperadas por verem seus filhos sendo arrastados pela polícia e nunca mais vê-los. A obra de Assis Brasil foi escrita ao final dos piores anos da ditadura, em 1975, já a de Tatiana Salem Levy é contemporânea, publicada pela primeira vez em 2007.

1. Tempos sombrios: A Ditadura Militar no Brasil

O Brasil viveu um período de ditadura de 1964 a 1985. Os presidentes eram escolhidos por uma junta de comandantes das Forças Armadas, o povo já não escolhia seus governantes. Os empresários tinham voz na área econômica e as greves dos trabalhadores foram proibidas. O golpe foi comandado pelo general Castello Branco que se tornou o primeiro general presidente (1964 a 1967), ele elaborou uma lista com os nomes de seus inimigos políticos, sendo o primeiro o líder comunista Luís Carlos Prestes, além de nomes como João Goulart, Leonel Brizola e Juscelino Kubitschek, esta foi a primeira ação tomada pelo general. Os atos institucionais, medidas autoritárias faziam parte da Constituição, traziam uma série de regras de ordens a serem seguidas, uma delas era que os governadores e os prefeitos das capitais deveriam ser nomeados por homens do governo, e não mais eleitos pelo povo.

No contexto de absoluto autoritarismo imposto pela Ditadura Militar, muitos jovens, nos anos 60 e 70, reagiram e protestaram contra o regime. Foi uma juventude que não ficou parada, foram às ruas para protestar contra o regime, o governo perseguia os opositores. Uma mera palavra contra a nova ordem era motivo para serem presos, dependendo do que se falava ou agia, poderia ocorrer até mesmo morte. Não dava para lutar de dentro do regime, haja vista os deputados e os senadores que combatiam, que faziam oposição foram expulsos pelos militares, toda a vida política desse período era baseada na Constituição de 1967, que por sua vez, tinha sido elaborada por homens ligados ao general Castello Branco e, conseqüentemente, aprovada por um Congresso Nacional mutilado, um Congresso formado apenas pela direita a favor do regime. “Foi uma época muito dura, de falta de liberdade, de democracia” (Schmidt, 2002, p. 273).

Segundo Ginzburg (2001) a tortura e a violência utilizadas durante a ditadura para retirar informações dos protestantes presos foram aprimoradas pela política do Estado Novo, tortura e violência sempre existiram, mas, antes eram feitas de modo aleatório. Nos

anos 60 e 70, este método se tornou mais severo e “perfeito”, as estratégias de tortura foram, portanto, aperfeiçoadas e constituíam a principal arma de repressão e de obtenção de informações.

A UNE – União Nacional dos Estudantes, foi proibida de funcionar e teve que continuar suas reuniões de modo clandestino, na prática continuou existindo. “A maior de todas as manifestações contra o governo foi a célebre Passeata dos Cem Mil (26/06/1968), que ocupou a Rio Branco, principal avenida do centro do Rio de Janeiro, e seguiu até a praça da Cinelândia” (Schmidt, 2002, p. 275). Após isso, o governo decretou o Ato Institucional nº 5 (AI-5) no dia 13 de dezembro de 1968, numa sexta-feira. O AI-5 dava poder total na mão do general presidente e com isso, o regime ficou mais fechado. O AI-5 ordenou que o Congresso Nacional fosse fechado por tempo indeterminado, suspendeu os direitos políticos aos que não apoiassem ou fizessem oposição ao governo e a suspensão de garantias legais, com essa última regra a polícia podia invadir a casa das pessoas sem autorização judicial:

Alguns historiadores chamaram o AI-5 de “o golpe dentro do golpe”. Ou seja, em 1964, o regime tornou-se uma ditadura e, em 1968, transformou-se numa ditadura mais rigorosa ainda. Nenhuma espécie de oposição – nem passeata nem muros pinchados – seria tolerada. As passeatas estudantis acabaram simplesmente porque ninguém estava disposto a ser baleado pela polícia. Nas escolas e faculdades todo mundo desconfiava de todo mundo, temendo que o colega pudesse ser um informante do SNI (Serviço Nacional de Informações) (Schmidt, 2002, p. 276, grifo do autor).

A repressão era realizada através da tortura, como qualquer forma de manifestação estava proibida, o meio pelo qual os revolucionários tinham de lutar contra o regime era entrando para a clandestinidade, com isso, obtendo outro nome, uma nova identidade, uma que nem mesmo os familiares ou amigos poderiam saber, haja vista todos estavam sob o olhar dos militares e poderiam ser presos para interrogação. Uma vez preso, o indivíduo passaria pela barbaridade da tortura e como esta era muito violenta, a tendência era falar, entregar os companheiros que se encontrava na clandestinidade. De modo geral “o golpe dentro do golpe”, deixou tudo pior após o decreto do AI-5, toda violência por parte dos militares era válida.

Seligmann-Silva (2014), traz a importância da fotografia durante os anos da ditadura para registro da violência sofrida. Esse registro fotográfico é uma forma de deixar rastros para as gerações futuras e, é importante que estas memórias tenham sido

criadas. Vale destacar que essas fotos eram tiradas de modo sigiloso, uma vez que a Censura não permitia fotografar nada, para justamente, não haverem provas sobre o que ocorria nos ambientes fechados. “A ausência de imagens das torturas é parte do buraco negro da memória da violência da ditadura. A violência dos atos brutais do terrorismo de Estado acontecia ao mesmo tempo que a tentativa de se apagarem os seus rastros” (Seligmann-Silva, 2014, p. 14). Criaram mecanismos torpes para dar sustentação à falsas narrativas que criadas pelo poder militar.

E como ato de violência, a tortura era infalível porque muitos não resistiam e terminavam entregando os companheiros, outros apanharam muito e não contaram nada e muitos resistiram até a morte para não ter que entregar os companheiros de luta. Com essa “arma” para obter informações, não houve quem não tivesse sido preso, que não tenha sido barbaramente torturado, “ficar pendurado no pau-de-arara (um cavalete em que a pessoa fica amarrada e pendurada) é um dos piores suplícios. Além disso, pontapés, choques elétricos nos órgãos genitais, banhos de ácido, testículos amassados com alicate, dente arrancado a pontapés. A lista é infindável” (Schmidt, 2002, p. 276). Esse era um dos métodos de repressão do regime militar, mas este também se estendia para além da tortura física, a propaganda ideológica nos meios de comunicação (jornais, TV e rádio) só passava notícias favoráveis ao regime, afirmando que o Brasil estava no caminho certo, o lema era “Brasil, ame-o ou deixe-o” (Schmidt, 2002). Nas entrelinhas, podemos ver que se o indivíduo não amava o país, deveria deixá-lo, caso ficasse correria risco de prisão e tortura.

De acordo com Ginzburg (2000), temos formação social calcada no autoritarismo e na opressão, fato esse que contribui para a desumanização. É uma formação histórica que não devemos esquecer, devemos conservar em nossa memória coletiva para que tal horror não volte. Um regime ditatorial é extremamente violento, apenas a direita e os seus apoiadores podem enxergar benefícios nessa ordem autoritária. “Na medida em que percebemos como a História é violenta, como o autoritarismo nos marca profundamente, como os antagonismos sociais são radicalmente difíceis, como nossa experiência não é passível de fácil entendimento, é acentuada nossa perplexidade” (Ginzburg, 2000, p. 45). A História pesa para nós e, com isso há um retorno de uma memória que causa trauma. Pode-se perguntar a qualquer um que foi ou que teve familiares, amigos e conhecidos

torturados sobre a volta do regime que a resposta será praticamente a mesma, um sonoro, não.

Nos anos 80 com o aumento cada vez maior de protestantes tomando as ruas, os artistas engajados com o movimento a favor da democracia, as greves operárias, sindicatos mesmo na clandestinidade lutando pelos direitos, pessoas cansadas de terem suas casas invadidas pela polícia, pessoas desaparecidas, dentre muitos outros motivos antidemocráticos, o regime começou enfim a enfraquecer e veio um dos maiores movimentos sociais pela democracia, a campanha das Diretas Já:

A campanha Diretas Já (em 1984) foi o maior movimento popular de toda a história do Brasil. Nas escolas e universidades, nas ruas, nos escritórios e oficinas, nos trens e nas filas, o país inteiro manifestava seu apoio. Os grandes políticos da oposição formaram uma grande corrente: Ulysses Guimarães, Lula, Fernando Henrique Cardoso, Itamar Franco, Brizola, Miguel Arraes, Tancredo Neves... Passeatas, shows musicais, debates, panfletagens, tudo era feito para esclarecer as pessoas e unir a população em torno do grande ideal: conquistar o direito básico de escolher o presidente (Schmidt, 2002, p. 289).

O movimento das Diretas Já atingiu seu objetivo e Tancredo Neves (PMDB) ganhou as eleições presidenciais com um total de 480 votos contra 180 de seu adversário, Paulo Maluf (PDS). Porém, um fato trágico o tiraria de cena:

Em março de 1985, na véspera da posse, Tancredo Neves passou mal. Internado no hospital com uma forte infecção no intestino, não resistiu e faleceu. José Sarney, eleito vice, tornou-se o presidente da República. Ironia da história: Sarney, político ligado à ditadura militar, é que deveria conduzir o país ao fim do regime (Schmidt, 2002, p. 291).

Com Sarney na presidência, o país iniciou a fase democrática e em 1988, o Brasil ganhou uma nova Constituição, considerada a mais democrática de nossa história, e com isso chegou definitivamente ao fim as tenebrosas duas décadas de autoritarismo, repressão, tortura, violência e ideologias ditatoriais. Segundo Ginzburg (2001) não se pode estabelecer uma comparação entre a voz dos responsáveis pelos regimes autoritários que descrevem as torturas como um grande espetáculo da voz dos que foram vítimas do regime ou que tiveram algum parente nas mãos dos generais.

Mesmo com o fim do regime, Seligmann-Silva (2014, p. 32) nos chama a atenção para um fato importante, “no Brasil até o momento faltou-se ao encontro marcado com os mortos pela ditadura civil-militar e com seus sonhos”. Muitos jovens foram mortos

durante o regime, muitos outros desapareceram e os responsáveis nunca falaram o que realmente houve com estes desaparecidos e, quando pesquisamos, encontramos o fato como algo comum em toda a América Latina, onde teve governos ditatoriais, os desaparecidos nunca foram encontrados, sejam vivos ou mortos.

2. O Regime Militar representado nas obras *A chave de casa* (2009), de Tatiana Salem Levy, e *Os que bebem como os cães* (2005), de Assis Brasil

Para iniciarmos essa seção vamos primeiramente conhecer um pouco sobre os autores e, logo após suas respectivas obras em análise.

Tatiana Salem Levy nasceu em Lisboa, Portugal, em 1979, durante os piores anos da Ditadura Militar no Brasil. Seus pais estavam exilados em Portugal (país no qual sua família havia sido expulsa durante a Santa Inquisição, há pelos menos quase dois séculos por serem judeus turcos). Por serem comunistas e a favor da democracia foram torturados e tiveram que abandonar o país ou morreriam. A obra rendeu à autora o Prêmio São Paulo de Literatura de 2008 na categoria de melhor livro de autor estreante, além de ter sido também finalista do Prêmio Jabuti de 2008.

Tatiana veio para o Brasil ainda bebê, após a instauração da anistia. É graduada em Letras pela UFRJ; concluiu mestrado em Estudos Literários em 2002 e doutorado pela PUC-Rio em 2007, mostrando as diversas possibilidades de uma sociedade moderna refletida na Literatura. Sua dissertação foi intitulada *A experiência de fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*, publicada depois pela editora Relume Dumará, em 2003 e pela Civilização Brasileira em 2010. A autora também é tradutora de francês e atualmente vive entre Rio de Janeiro e Lisboa, e desde maio de 2014, é colunista do jornal Valor Econômico. Em 2012 Tatiana foi selecionada como uma, dos 20 melhores jovens escritores pela revista britânica Granta. No Brasil, a revista Granta é publicada pelo selo Alfaguara, pertence à editora Objetiva.

A chave de casa (2009) objeto de estudo desse trabalho, foi seu primeiro romance, publicado pela primeira vez em 2007, possui elementos autobiográficos, misturando ficção e a realidade da própria escritora. Temos uma narradora que bem como a escritora, é brasileira descendente de judeus turcos que foram expulsos de Portugal pela Santa Inquisição. Esta narradora recebe do avô uma herança, a chave da sua antiga casa na Turquia e deve procurar a família em Esmirna e, assim, encontrar seus parentes. A

narradora também nasceu em Portugal quando os pais estavam exilados devido a Ditadura Militar no Brasil. Falaremos mais sobre a obra na próxima seção.

O outro autor em análise nesse trabalho é o piauiense Francisco de Assis Almeida Brasil, mais conhecido como Assis Brasil, ele é natural de Parnaíba. Foi na capital do Ceará, Fortaleza, que o escritor começou a escrever, transferiu-se para lá no ano de 1943 junto com a família. Colaborou com a imprensa local e seis anos depois mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou a colaborar com uma grande imprensa. Foi romancista, cronista, ensaísta e jornalista, também atuou intensamente como crítico literário na imprensa brasileira, principalmente no *Jornal do Brasil*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã* e *O Globo* e, nas revistas *O Cruzeiro*, *Enciclopédia Bloch* e *Revista do Livro*. Além de ter sido membro da Academia Piauiense de Letras.

Consagrou-se como escritor em 1965 quando ganhou o I Prêmio Nacional Walmap com a obra *Beira Rio Beira Vida*. Com esta visão a respeito da escrita, passou a dedicar-se inteiramente a literatura, publicando ensaios, ficção e crítica literária. Conquistou outros prêmios e, em 1975, ganhou novamente o Walmap, desta vez com o romance, *Os que Bebem Como os Cães*, o outro objeto de análise comparativa desse trabalho, esse romance do escritor é para José Cândido de Carvalho², “um romance adulto, um relato inteiriço da angústia de viver num cárcere, sem liberdade e sem opção”. Além do prêmio Walmap de 1975, Assis Brasil também ganhou o Prêmio Joaquim Manuel de Macedo com o romance. O escritor morreu em 28 de novembro de 2021, aos 92 anos de idade, em Teresina.

Sobre como o Regime Ditatorial é representado nas obras, em *A chave de casa* (2009), de Tatiana Salem Levy, a autora nos conduz a várias temáticas, como autoficção, metaficção, hibridismo, intertextualidade, memória, história sobre imigração, dentre outras que provavelmente quem for ler encontrará. Notamos que o romance é essencial e não deixa de nos fazer pensar no eu, no nós e no outro. É uma obra reflexiva, haja vista vemos a constante relação entre a ficção e a realidade;

O romance é composto por diversas narrativas fragmentadas que se intercalam sem encadeamento cronológico e por situações que são interrompidas por outras: a viagem para Turquia, a relação amorosa e violenta da narradora com um homem, a doença e

² Foi um advogado, jornalista e escritor brasileiro, mais conhecido como o autor da obra *O coronel e o lobisomem* (1964). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_C%C3%A2ndido_de_Carvalho.

a morte da mãe, o exílio dos pais e a migração do avô para o Brasil. As vozes narrativas também se alternam entre a da narradora e a da mãe. A cada nova voz diferentes versões sobre um mesmo fato são apresentados. A percepção da narradora é de que todas as experiências estão presentes no seu corpo de maneira intensa. [...] Desse modo, percebe-se uma intensidade de afetos presentes na narradora, os quais conduzem o romance de maneira desordenada e veemente (Caixeta, 2014, 15-16).

Caixeta (2014) nos dá um resumo geral do que se trata a obra de Levy (2009), uma instigadora história de herança familiar que envolve pelo menos três gerações, misturada a pitadas de realidade e ficção. Uma das vozes narradoras relata como foi viver em pleno movimento a favor da democracia, como era ser jovem nos anos 70, será nessa narradora que iremos nos reter. Lembremos o que Schmidt (2002) afirmou anteriormente, o quão difícil era ser jovem e se manter feliz durante a Ditadura Militar no Brasil. Não era fácil, se queriam lutar contra o regime, era preciso se esgueirar nas sombras da clandestinidade para agir.

“Escrevo com as mãos atadas. Na concretude imóvel do meu quarto, de onde não saio há longo tempo. Escrevo sem poder escrever e: por isso escrevo. De resto, não saberia o que fazer com este corpo que, desde a sua chegada ao mundo, não consegue sair do lugar” (Levy, 2009, p.?³). O romance apresenta a história de uma jovem – a principal protagonista (sem nome e também uma das vozes narradoras), acamada e em estado inerte, ela recebe de presente do seu avô a chave da casa da Turquia, e relembra de quando ele teve que partir fugindo para não ser convocado para o exército e ter que lutar na guerra, se refugiou no Brasil, construiu uma vida e família.

Segundo Moreira (2016, p.?⁴) “a chave é uma metáfora para que a personagem pudesse ter uma liberdade em visitar seu passado, entrar na intimidade e percorrer toda história de seus antepassados, e a nós leitores também é dada essa confiança em passear pela leitura”. E a partir desse presente (a chave da casa da Turquia) toda a história começa a ser contada por diversas vozes narrativas e que nenhuma é dada nome, como se o fato de serem anônimas se torna melhor para se manterem seguras. Mais um índice do uso da censura durante a ditadura:

³ Não possui numeração de páginas, pois foi baixado em formato PDF, recurso eletrônico. Disponível em: <https://doceru.com/doc/sxv8n0n>. Utilizaremos esse formato em todo o texto quando tiver que o referenciar.

⁴ Não possui numeração de páginas, arquivo em formato Word. Disponível em: https://www.webartigos.com/artigos/analise-da-obra-a-chave-de-casa/147672#google_vignette

Nasci no exílio: em Portugal, de onde séculos antes a minha família havia sido expulsa por ser judia. Em Portugal, que acolheu meus pais, expulsos do Brasil por serem comunistas. Demos a volta, fechamos o ciclo: de Portugal para a Turquia, da Turquia para o Brasil, do Brasil novamente para Portugal. Não teria sido menos penoso, menos amargo, se não tivéssemos sido obrigados a fazer esse longo percurso? Por que tivemos de sair de um lugar para voltar ao mesmo lugar? Nasci no exílio, onde meus pais estavam sem querer estar (Levy, 2009, p.?).

Temos nesse trecho a voz da filha, uma criança nascida em solo estrangeiro porque os pais eram a favor da democracia e o Brasil vivia duros anos de chumbos. Assim, como muitos artistas e pessoas da época (que tinham como se exilarem) foram obrigados a deixarem o país para poderem sobreviver, a narradora faz parecer que o exílio era algo ruim, mas a mãe não via do mesmo modo, por isso ela responde:

Eu trabalhava como correspondente de uma revista no Brasil. Seu pai continuava no partido. Estávamos em Portugal: comendo bem, falando a nossa língua, conhecendo gente, trabalhando, nos divertindo. Seus avós vieram nos visitar, muita gente passou por lá. Viajávamos sempre: Paris, Florença, Madri, Atenas, Kiev. Sim, é verdade, a incerteza em relação ao futuro às vezes pesava: será que voltaremos um dia? Mas, responda-me, que futuro é certo? E, no fundo, sabíamos que a situação no Brasil mudaria, só não sabíamos quando (Levy, 2009, p. ?).

Mas, talvez a mãe só queira camuflar os sofrimentos vividos antes do exílio, ainda no Brasil, quando presa e torturada pela Ditadura. Ao mencionar “nos divertindo” entendemos que apesar de estarem longe de sua terra e de sua família, o exílio representa uma ideia de liberdade, uma possibilidade de recomeçar, já que a resistência interna estava impossível de alcançar o ideal libertário. De acordo com Caixeta (2014, p. 19) “por se tratar de uma experiência que envolve perdas, cada sujeito encara e suporta o exílio de maneira diferente. [...] E, apesar de toda carga de sofrimento, ou por causa disso, o exílio talvez ofereça um outro lado, uma oportunidade do recomeço e de transformação”. Muitos dos exilados, quando conseguiam fugir do país, buscavam no exterior a liberdade que até então não tinham em sua própria nação:

Quando ela chegou, ele pensava na vida, o corpo derramado na cama, o cigarro queimando solitário no cinzeiro. Levantou-se num ímpeto: então, como foi? Ele tinha ficado em casa (**não podia estar dando bobeira na rua**) enquanto ela fora à reunião. Sem grandes novidades, ela respondeu com uma voz monocórdia, a planilha de sempre. [...] Já estou farta de comer sempre a mesma coisa, de não poder ir a restaurantes, de ter que ir ao supermercado afobada, fugindo dos olhares alheios, **me escondendo o tempo todo**. E temos outra escolha?, ele questionou. **Podemos sair do país**, ela disse, não percebe que a cada dia a situação fica mais acirrada? Quantos amigos temos na prisão? Hoje mesmo na reunião anunciaram o nome de **um tal**

Humberto, você o conhece? Esse, pelo que entendi, **se for pego está morto**, ela disse. **Ele estremeceu**. [...] Ela continuou falando com ele, falando sozinha. Que **não aguentava mais a clandestinidade**, não era essa a vida que tinha sonhado para si (Levy, 2009, p.?, grifo nosso).

Ambos estavam vivendo na clandestinidade, mas os trechos grifados nos fazem compreender que a situação do marido era mais agravante, “não podia estar dando bobeira na rua”. Como a filha nasceu no final dos anos 70 no exílio em Portugal, logo vemos que estava no auge do regime ditatorial, os anos mais duros. A ideia de “podemos sair do país” vem como liberdade, saírem da clandestinidade, viverem longe dos amigos e da família. Todavia, a nossa atenção é desviada pela menção do “tal Humberto”, “se for pego está morto”, quem é ele?, e, por que o marido “estremece”? Tudo nos é revelado logo em seguida: “seus olhos silentes diziam o que a sua voz não era capaz de dizer, e quando ele sussurrou: pequena, o Humberto sou eu, ela estava com a cabeça baixa, as mãos tapando os ouvidos para não ter de ouvir o que já tinha compreendido” (Levy, 2009, p. ?). Se ao sair à rua, já estavam sempre em alerta, agora a atenção deveria estar dobrada, haja vista a polícia estava nas ruas vigiando incessantemente. A personagem encontra asilo na embaixada da Costa Rica, mas devido o marido não ceder e querer continuar na clandestinidade no Brasil, querer enfrentar o sistema de dentro, eles terminam ficando no país, escondidos nas sombras, em periferias.

Com o uso da tortura não era difícil descobrir quem estava na clandestinidade, como já mencionamos na fala de Schmidt (2002) muitos não resistiam às sessões de violência e terminavam falando. Não é mencionado como, mas a personagem é presa pela polícia:

Primeiro, **tiraram-lhe a roupa toda**. Mediram cada parte de seu corpo, anotando os detalhes num caderninho ao qual ela não tinha acesso. Examinaram os olhos, a garganta (diga “a”) e o ventre. Em seguida, **sentaram-na num banco de metal**. Ela se arrepiou com o frio. Em uma única tesourada, seus cabelos foram da cintura ao chão. [...] Quando sentiu o roçar da máquina raspando a cabeça, não resistiu, deixou cair a lágrima que em vão guardava para si. [...] **Já não tinha direitos nem sobre seu próprio corpo**, estava ali ao bel-prazer dos outros. O serviço concluído, levaram-na pela mão para outra sala, onde **havia outras mulheres como ela, inteiramente despidas, o couro cabeludo igualmente raspado** (Levy, 2009, p. ?, grifo nosso).

Aos torturadores, não importava se eram homens, mulheres ou idosos, importavam-se com a confissão dos torturados, em como eles entregariam os companheiros que estavam escondidos. O que antecedia à tortura era a humilhação, deixar

os indivíduos vulneráveis, sem poderem se defender, em outras palavras, já começavam mexendo com o psicológico dos presos para quando estes fossem torturados já se encontrassem mais fracos ainda. “Num quarto de três metros quadrados, ligaram o ar-condicionado na potência máxima. Sentia o rosto rachar, o corpo nu prestes a se transformar em farelos. Tremia”. Depois do frio, quando o preso já tinha acostumado a tentar resistir, “o aquecimento ligado na potência máxima, o quarto agora se transformava num forno” (Levy, 2009, p. ?).

Após a tortura psicológica, quando já estava fraca e imaginava que fosse solta e retornaria para o lar familiar, a tortura física começou. “Respire: rápido, antes que mergulhem novamente a sua cabeça na bacia funda. Agente firme, você pode aguentar. Eram três homens, três carrascos à sua volta. Ela já nem era mulher, era apenas um corpo desmilinguido, quase sem carne” (Levy, 2009, p. ?). A sessão de tortura durava até que ela apagava e os carrascos deixavam o corpo ali no chão frio para que algum funcionário viesse pegar, levá-la à cela para depois começar tudo novamente. Daí muitos não puderam resistir e terminaram entregando onde encontravam-se os amigos escondidos, delatando os esquemas de passeatas que estavam sendo organizadas. Outros, como já mencionamos, não falaram e sofreram pela tortura física até a morte.

A personagem de Levy (2009) chega a pensar durante a sessão de tortura que morrerá ali. Refletindo sobre a vida ela pensa que se morrer, vai ser por uma boa causa, que está lutando por um futuro melhor para as gerações seguintes. E, muitos dos jovens que resistiam ao autoritarismo do regime, era pelo mesmo ideal: um futuro sem censura, sem ditadura, sem autoritarismo. Apesar de ser torturada, ela não entregou os amigos e, principalmente, não entregou o marido. E, como já vimos também sobre o exílio, após solta, ela o encontrou e juntos partiram para a Costa Rica e depois para Portugal, onde a filha nasceu. E, com a anistia em agosto de 79, o casal retorna ao país. Um retorno carregado de esperança por novos tempos que se iniciam, um futuro melhor para a filha.

Para falarmos de *Os que bebem como os cães* (2005), de Assis Brasil, iniciamos o que nos diz os psicanalistas Viñar e Viñar (1992), para eles, a maior parte de seus pacientes encontram dificuldades em revelar informações porque há uma quebra da tríade: linguagem, memória e corpo e, quase sempre essa quebra está diretamente ligada a traumas provocados pela tortura. Os autores ainda afirmam que ao serem torturados os indivíduos podem ter uma ruptura da identidade, o que pode ser em certos casos

irreversível. Tal fato é o que ocorre com o personagem de *Os que bebem como os cães* (2005), narrada em terceira pessoa e acompanhamos o relato sobre um preso que se encontra há muito em cárcere, ele próprio não sabe há quanto tempo, não recorda sequer seu próprio nome, nem como se fala. Está muito debilitado e só tem um desejo, que tudo aquilo acabe. O título do romance já nos instiga a saber quem são estes que bebem como os cães, ou seja, agachados e sem o uso das mãos.

A obra possui três subtítulos que se põem em movimento na narrativa para contar a história e não possuem ordem fixa, são eles: A cela, O pátio e O grito, cada narração é um momento angustiante para quem ler, já começa com A cela e o narrador fala: “A escuridão é ampla e envolvente. O silêncio total, cortado apenas por aquele velho barulho que parte de seus ouvidos” (Brasil, 2005, p. 5). O nome do preso só nos vai ser revelado ao final da narrativa, é como se durante todo o percurso ele vai sendo despertado lentamente para o que está ocorrendo naquele ambiente até chegar ao clímax e ele relembra como, o porquê e quando ele foi parar na prisão, bem como o motivo de não ser solto, de ser acusado pelo simples fato de ser comunista.

O despertar do narrador se dá quando um coro começa a ser puxado por um outro preso durante o horário de ficarem no pátio, no subtítulo O grito, “ – Mamãe! – o homem berrou. E o guarda empurrou sua cabeça para debaixo da torneira, até ele desistir de seu gesto. Mas outros, como que despertados pelo grito do companheiro, começaram a berrar: – Mãe” (Brasil, 2005, p. 10). Gritar pela mãe, é um clamor. Os presos, além de gritarem pela mãe, ainda tinha algum que, reunia a pouca coragem que possuía e gritava o nome da esposa e/ou clamavam por Deus. Aqueles [presos] que estavam sabe-se lá há quanto tempo em cárcere privado porque ousavam resistir e lutar contra o autoritário e a tortura, eram imediatamente contidos pelos soldados vigilantes:

Sentiu que o levantavam pelos ombros: as algemas tornaram a rasgar os pulsos. Gemeu, apenas um grunhido, não pôde articular nenhuma palavra.

– Tirem as algemas – gritou uma voz metálica.

Ao deixar os braços tomarem sua antiga posição, sentiu que o alívio vinha mais em função do jato de urina que descia pelas suas pernas.

[...]

– Botem o esparadrapo na boca.

[...]

Abriu mais os olhos e pôde ver em frente: uma fila de homens, todos amordaçados como ele.

[...]

– Olhem em frente. Sempre em frente.

[...]

Por que a mordaza no pequeno intervalo no pátio? Por que as algemas dentro da cela? (Brasil, 2005, p. 8-10).

A censura agia não apenas nas ruas e nas mídias de massas, mas ocorria também dentro das prisões. Os presos ficavam algemados nas celas como animais selvagens que poderiam fugir a qualquer momento caso não estivessem totalmente subjugados. Quando saiam para o pátio para o banho ainda tinha suas bocas amordaçadas e não poderiam olhar para nenhum outro preso. Silêncio absoluto. Sem mencionar que os banhos descritos na obra só ocorriam uma vez por mês, “outras mãos, que não as do guarda, o levantaram. – Obedeça – um cochicho apenas – Tire a roupa e tome um banho. Aproveite. Só daqui a um mês a gente volta” (Brasil, 2005, p. 13). Sobre o silêncio Orlandi (1993, p. 13), afirma que “o silêncio é assim a ‘respiração’ (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido”. O silêncio, portanto, não fala, todavia, é significativo, pois é carregado de sentido. Esse “não poder” falar é representado pela opressão gerada pela violência autoritária do regime militar. É um silêncio que não tem fala oralizada, mas que, dele ecoam gritos de socorro. Assim, entendemos que o silêncio é uma privação de modo degradante, que elimina lentamente o psicológico de qualquer indivíduo, principalmente os que estão sob opressão. Se os torturados não morriam durante a sessão, terminariam por morrerem nas prisões em condições terríveis.

Se apenas poderiam sair da cela uma vez por mês, isso implica afirmar que todas as necessidades eram realizadas dentro da cela, o que tornavam aquele lugar podre, quase que inabitável, “a areia suja mais clara a seu lado, as paredes da cela se desenhando mais nítidas. [...] o cheiro de mofo, de abafado, estava em todos os cantos” (Brasil, 2005, p. 16). Segundo Sousa e Frota (2021, p. 63) “A tortura aplicada naquela prisão, também sem nome, é tanto física quanto psicológica, visto que, além dos pontapés, afogamentos e outras agressões, o isolamento por incontáveis dias na cela acaba por afetar a racionalidade de qualquer pessoa.” Daí os presos esquecerem a noção de tempo e somado a esse cárcere, ainda tinham a falta da família, pois não poderiam receber visitas nem sequer conversarem entre si. Sem apoio ou comunicação com os demais não havia mente que suportasse tantos maus-tratos.

O personagem ao qual observamos, Mem um momento de lucidez após presenciar outro preso gritar pela mãe no pátio, ao retornar à cela se dá conta de um rato, um pequeno companheiro peludo que ele batiza de Deus, pois o animal sabe tudo e tem liberdade de ir e vir, e passa a alimentá-lo com os restos de sua sopa e a conversar com este animal, devido à tamanha falta de diálogo naquele lugar escuro. A alimentação também é outro meio de enfraquecer os prisioneiros, era apenas uma sopa, “sim, era apenas uma tortura, pois não havia possibilidade de fuga para ninguém” (Brasil, 2005, p. 11). Pela narração não sabemos com que frequência eles eram alimentados, porém tendo em vista a descrição de como se encontravam debilitados não é difícil chegar a uma conclusão, possivelmente apenas uma vez ao dia, quando alimentados:

Um ligeiro tumulto movimentou os homens do outro lado. Os guardas correram – ninguém dizia nada, só sussurros, murmúrios, e um gemido poderia estar misturado a tudo.

Alguma coisa acontecera no espaço que separava os homens do muro. Não podia ver direito. Os próprios homens eram a barreira.

Surgiram dois guardas com uma maca e foram na direção do muro.

Outra morte, outro suicídio. [...]

Outro prisioneiro morto – a única saída, e os guardas não pareciam se importar que aquilo acontecesse (Brasil, 2005, p. 76-77).

Os guardas não ligavam para os suicídios, o muro branco, alto e de parede caiada era chamativo para os pulsos dos presos. Psicológica e fisicamente fragilizados, os prisioneiros viam no suicídio o único meio de alcançar a liberdade. Com a obra de Brasil (2005) percebemos que não é preciso torturar fisicamente ou psicologicamente de uma vez, os prisioneiros são torturados lentamente, dia após dia, só por estarem presos sem uma acusação plausível, tendo que ficar isolados uns dos outros, má alimentação, bocas com esparadrapos no dia do banho (uma vez por mês), dentre tantos outros meios de tortura silenciosa.

Com o desenrolar da narrativa, vamos vendo que aos poucos o personagem vai recordando o nome da mãe “minha mãe. Minha mãe. Matilde. Ela se chamava Matilde. Ela se chamava Matilde. Tide, para os amigos, para o filho” (Brasil, 2005, p. 81). Depois se lembrou da esposa Dulce, do pai que sempre lhe aconselhava para tomar cuidado, da filha tão pequena e que não sabia quando ou se a veria novamente, da profissão, era professor de literatura, até que recorda de quem é: “Hoje é dia de meu aniversário, tenho

quarenta e dois anos, me chamo Jeremias⁵, sou professor de literatura, tenho uma mulher e uma filha, minha mãe ainda está viva” (Brasil, 2005, p. 132). Não atoa o nome desse personagem é Jeremias, nome de um profeta bíblico, aquele que “Jeová exalta/eleva”, segundo a Bíblia ele profetizou no reino de Judá desde o final do século VII até o início do VI a.C. E neste período foi o declínio do Reino do Sul, onde seus últimos monarcas reinaram e, Jeremias falou sobre o Império da Babilônia, que seu avanço seria inevitável culminando com o exílio do povo judeu.

Sousa e Frota (2021) informam que o fato de Jeremias ser professor de literatura pôde ter contribuído para a sua prisão, haja vista ele ter conduzido seus alunos a reflexões que na visão do regime ditatorial eram erradas, “mas por que agitou os estudantes? [...] no fim do ano levo os alunos para o ar livre, Sócrates fazia assim, não queremos saber de seus amigos ou de sua família. Diga de uma vez: agitou ou não os estudantes?” (Brasil, 2005, p. 132). Nosso protagonista era professor de literatura e conduzia seus pupilos a pensarem, a refletirem sobre o que estava acontecendo no país, logo se tornou um alvo e teve seus direitos caçados. “É bem sabido que em qualquer regime ditatorial, dentro da educação, as disciplinas ligadas às reflexões sobre humanidade são intensamente perseguidas, e a literatura não é exceção” (Sousa e Frota, 2021, p. 64). Jeremias foi condenado a uma vida na prisão por um crime que nem existia, uma prisão arbitrária e sem sentido, longe de amigos e família, privado de tudo.

A humilhação, a tortura lenta, o passar do tempo na prisão que não é mais sentido ou percebido, deixa Jeremias e os demais presos angustiados, e a angústia conduz a atitudes extremas. Inconscientemente todos ali em determinado momento de lucidez chegam à conclusão de que não irão mais ver o que está além daquele muro. E quando recordam quem são vislumbrar na mente a imagem daqueles que amam, representa algo sublime e que os conduzem a se libertarem definitivamente do sofrimento vivido até então:

Experimenta as palmas das mãos na pedra áspera. Encosta os pulsos nas saliências mais cortantes – lembra-se de casa, do sorriso de sua mãe.

⁵ Jeremias é um dos profetas encontrados no Tanach (Bíblia Hebraica) que corresponde ao Antigo Testamento da Bíblia Cristã. O significado do seu nome é incerto, existindo várias interpretações: “Javé (Jeová) exalta/eleva”, “Jeová é sublime” ou “Jeová abre/faz nascer”. Sendo mais usada a leitura “Jeová exalta/eleva”. É considerado o autor de dois dos livros da Bíblia: Livro de Jeremias e Livro das Lamentações. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jeremias>.

Esfrega com certo fervor os pulsos no muro, uma, duas, dez vezes, e vê o sangue saltar para suas mãos e respingar em seu rosto. [...] O sangue escapa-lhe das veias como uma pequena torrente – uma poça se forma no chão, no pé do muro, e tenta se lembrar quando gritou pela última vez por sua mãe (Brasil, 2005, p. 139).

“A escuridão é ampla e envolvente”, frase que vai se repetindo ao logo da obra. Brasil (2005) nos lembra sobre o quão escura e sombrio foram os anos de ditadura, as duas décadas foram mais que suficiente para provocar horror e traumas. Por isso, a única saída era pela maca, naquele corredor com os pulsos sangrando e sem ninguém saber do seu destino ou paradeiro. Todavia, essa maca simboliza a liberdade, se não iriam ser livres no mundo terreno, era hora de partir para o plano espiritual. É como se aqueles presos entendessem que o que se podia fazer, já tinham realizado, era hora de finalmente descansarem, de saírem de cena. Eles já tinham lutado o suficiente. Para além daquele muro branco e alto de parede caiada, a resistência continuava.

Os suicídios descritos em *Os que bebem como os cães* (2005), provavelmente os corpos não fossem entregues às famílias, eram descartados em algum lugar qualquer. Corpos que foram silenciados quando vivos e presos pelo exército e depois sofreram outro tipo de silenciamento, o de negligência, ocultamento para os familiares, resultando em anos de inúmeros presos políticos desaparecidos. O silêncio atravessa as palavras (Orlandi, 1993), portanto, ele se manifesta em múltiplas faces e, em um regime ditatorial, ele pode se manifestar em forma de sofrimento pela opressão sofrida ou como violência severa, no sentido de os presos não poderem falar entre si.

Considerações Finais

Levy (2009) não dá nome à sua personagem, já Brasil (2005) começa com a personagem no anonimato até as últimas páginas quando é revelado o seu nome, todavia, não ter um nome é um modo de não silenciar, de não apagar as memórias da ditadura. Seligmann-Silva (2014) nos informa sobre o fato de uma elite tentar manter temáticas sociais sob uma ótica de camuflagem, um possível apagamento na memória coletiva sobre lutas sociais. Falar de Ditadura Militar no Brasil é um método eficaz para nos informar sobre a história de nosso país. A ditadura foi algo real, sério, cruel e que não deve ser tratada com banalidade. Não dá nome para os personagens pode também significar reproduzir nesse personagem a figura das inúmeras pessoas desaparecidas durante o regime e que nunca retornaram para suas famílias, sejam vivas ou mortas. Ambos os

romances nos mostram à sua maneira, como foram as duas décadas de Ditadura, como o direito à livre expressão era proibida, o aparelho da Lei da Censura controlava tudo e com o uso livre da tortura, a violência era legalizada.

Sobre as memórias da Ditadura Militar no Brasil, Seligmann-Silva (2014, p. 30-31) afirma que “no Brasil ocorreu uma privatização do trauma: apenas os familiares e pessoas próximas às vítimas, além dos próprios sobreviventes, se interessaram por esse tema e investiram na sua memória, na reconstrução da verdade e na busca da justiça”. O autor fala sobre o apagamento dessas memórias dolorosas na história de nosso país, como era difícil fotografar as torturas, como os generais censuravam tudo para não serem descobertos.

A Ditadura Militar no Brasil foi uma representação social porque mexeu não apenas com uma capital ou estado ou região, mobilizou o país todo. O presidente da nação era um general e era ele que escolhia os demais cargos políticos administrativos. O Golpe de 64 instaurou a ditadura e por duas décadas o Brasil foi conduzido com rigoroso autoritarismo de direita, qualquer cidadão que ousasse ter ideias de esquerda ou que resistisse ao regime corria risco de prisão e até de vida. Nos anos 70 a tortura se tornou a principal arma para obter informações sobre os guerrilheiros que lutavam contra o regime e se encontravam na clandestinidade.

Segundo Ginzburg (2001) há na atualidade um apagamento da memória coletiva sobre a tortura durante o período ditatorial, como se esta não foi tão utilizada ou que não foi tão cruel quanto a história conta. Esse apagamento para o autor banaliza a tortura e reforça a ideia de que é preciso ignorar, que durante os 20 anos de Ditadura Militar era preciso conter um bando de delinquentes que importunavam a ordem social. “O esquecimento é, nesse sentido, em si, uma catástrofe coletiva. A leitura de textos literários voltados para o tema pode contribuir para evitar a banalização” (Ginzburg, 2001, p. 145). Em outras palavras a violência por meio da tortura era para ser vista como algo normal, comum.

Tatiana Salem Levy em, *A chave de casa* (2009) retrata a complexidade das narrativas contemporâneas, dando ênfase ao ser fragmentado, aos flashes de memória, e as reflexões sobre a existência humana. Provoca o leitor de maneira direta, dando-lhe “a chave” para decidir entrar ou sair do texto. Convida-o de forma direta para um pacto secreto, pelo personagem e autor, para que ao longo da narrativa um sustasse o outro.

Assis Brasil com, *Os que bebem como os cães* (2005) nos conduz a uma história contemporânea em plena época de Ditadura Militar no Brasil, pois a obra foi publicada pela primeira vez em 1975, nos anos de chumbo. O autor nos mostra em linguagem direta como era a vida miserável de um prisioneiro do regime. Como os guardas torturavam psicológica e fisicamente os indivíduos, enfraquecendo-os ao ponto de esquecerem sua própria identidade e, quando recuperavam um pouco da memória, viam no suicídio a aquisição de liberdade.

Ambos os autores não pretendem apagar as memórias da Ditadura, pelo contrário, fazem uso da literatura para propagarem a temática que uma elite de direita tenta a todo custo deixar no esquecimento, pôr para debaixo do tapete, uma vez que para essa elite a tortura não era violenta, era um mal necessário e eficaz na maioria das vezes. As obras em análise nesse trabalho provocam-nos diversas sensações, talvez a maior seja a angústia, porque ao lermos sem nenhum conhecimento prévio sobre Ditadura Militar no Brasil, podemos ter a plena certeza de que se trata de uma ficção muito bem elaborada pela criatividade genial de Brasil (2005) e de Levy (2009). Infelizmente os fatos históricos comprovam a crueldade do regime ditatorial no Brasil. E, a literatura não deixa que tal historicidade se perca no esquecimento e no silenciamento, como os muitos corpos de presos desaparecidos durante o Regime e, que até hoje continuam ocultados.

Portanto, a temática da ditadura como representação social é de fundamental importância na análise literária, não pode se esgotar, nem as possibilidades de trabalhar com *A chave de casa* (2009) e *Os que bebem como os cães* (2005) em pesquisas futuras, já que seguem um viés contemporâneo e discutem temas intrínsecos e pertinentes para a sociedade, a crueldade de um regime autoritário. É necessário falarmos, ainda mais para os leigos ou “cegos de alienação” que até há pouco tempo pediam intervenção militar no Brasil, como se toda a crueldade da Ditadura e as memórias traumáticas fossem um entretenimento, que as regras de um país devem ser impostas. Vivemos em uma democracia e que continuemos como um país livre e democrático!

Referências

BRASIL, Assis. *Os que bebem como os cães*. Coleção prestígio. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

CAIXETA, Sheila Couto. *Memória e identidade em narrativas de migrantes: A chave de casa de Tatiana Salem Levy e Azul-corvo de Adriana Lisboa*. [Dissertação] Programa de Pós-Graduação em Literatura. Mestrado em Literatura. Universidade de Brasília – Instituto de Letras. Brasília, 2014.

CARRIZO, Valquíria Areal. *A chave de casa: um romance entre a teoria e a ficção*. Dissertação (Mestrado em Letras)-Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Bibliografia: f. 106-110.

GINZBURG, Jaime. *Autoritarismo e literatura: A história como trauma*. v. 19, n. 33 (2000). Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/533>. Acesso em 17 de janeiro de 2023.

GINZBURG, Jaime. *Escritas da tortura: Diálogos latino-americanos*. Nº 3. Universidad de Aarhus, Latinoamericanistas, 2001, p. 131-146.

LEVY, Tatiana Salem. *A chave de casa*. [recurso eletrônico]. 4ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2009.

Nova Bíblia Viva. 1ª ed. – São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas de silêncio: no movimento dos sentidos*. 2.ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 15 de janeiro de 2023.

SCHMIDT, Mario Furley. A Ditadura Militar no Brasil. In. *Nova história crítica*. 2ª ed. rev. e atual. – São Paulo: Nova Geração, 2002, p. 272-295.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Imagens precárias: inscrições tênues de violência ditatorial no Brasil*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 43, p. 13-34, jan./jun. 2014.

SOUSA, Caio Henrique Medeiros; FROTA, Wander Nunes. Os que bebem como os cães (1975), de Assis Brasil, diante da defesa dos direitos humanos no século XXI. *Scripta Alumni*, Curitiba, Paraná, v. 24, n. 1, p.59-76, jan.-jun. 2021. ISSN: 1984-6614 e ISSN: 2676-0118.

VIÑAR, Maren; VIÑAR, Marcelo. *Exílio e tortura*. São Paulo: Escuta, 1992.